

ESPIRITUALIDADE E MISSÃO

Discípulos e apóstolos do Ressuscitado

O PONTO DE PARTIDA. - 1. A ORIGEM PASCAL DA MISSÃO. - 2. O DINAMISMO EXISTENCIAL DA MISSÃO. 3. AS MODALIDADES DE ATUAÇÃO DA MISSÃO. - 4. A MÍSTICA PROFUNDA DA MISSÃO. - CONCLUSÃO.

Roma, 24 de abril de 2011

Solenidade da Páscoa do Senhor

Caríssimos irmãos,

cumprimento-os com a imensa alegria do Senhor Ressuscitado, novo Adão, que faz de nós discípulos e apóstolos para realizar a sua missão de renovar profundamente a humanidade, libertando-a de toda sorte de mal e transformando-a com a força do Amor. Foi numa solenidade de Páscoa que Dom Bosco pôde finalmente encontrar um telheiro para começar a sua missão educativo-pastoral em favor dos jovens pobres e abandonados. Foi numa solenidade de Páscoa que o nosso Fundador e Pai foi canonizado, confirmando com a sua santidade a experiência espiritual e pedagógica de Valdocco. É nesta solenidade de Páscoa que os convido a viver em todas as partes do mundo com autêntico espírito missionário.

Após minha última carta, em que lhes apresentei o comentário à Estreia “Vinde e vede” e os convidei a promover a “cultura vocacional”, fruto de um ambiente caracterizado pelo atraente e envolvente espírito de família, a intensa experiência espiritual e a empenhativa dimensão apostólica, ocorreram eventos muito significativos, que agora lhes comunico.

Primeiramente, sobre o tema da Estreia 2011, foram realizadas no “Salesianum” de Roma as Jornadas de Espiritualidade, que contaram

com grande participação dos diversos grupos da Família Salesiana. Apraz constatar que este momento tenha se tornado um poderoso aglutinador dos diversos ramos, fazendo crescer a identidade, a comunhão e a missão da inteira Família de Dom Bosco.

Nos dias 8 a 11 de fevereiro, com os padres Francesco Cereda e Juan José Bartolomé, participei do Seminário teológico organizado pela União dos Superiores Gerais (USG) e pela União Internacional das Superiores Gerais (UISG) sobre o tema “Teologia da vida consagrada. Identidade e significatividade da vida consagrada apostólica”. Participaram do seminário 30 teólogos e teólogas do mundo todo e 20 Superiores e Superiores gerais. O tema fora escolhido pelas duas Uniões dos Superiores e das Superiores, para individualizar as questões emergentes e vitais, experimentadas pela vida consagrada apostólica e favorecer uma perspectiva de diálogo entre os questionamentos e as respostas, entre as expectativas e as propostas, entre os desafios e os caminhos possíveis de percorrer. Na diversidade das linguagens e das urgências, duas questões pareceram imediatamente as mais carentes de aprofundamento e de vivência; são as duas questões presentes no título do Seminário: a significatividade e a identidade.

A *significatividade* da Vida Consagrada só pode ser buscada na sua relevância evangélica e, portanto, não tanto na recuperação dos espaços de visibilidade e prestígio na sociedade e/ou na Igreja, mas na sua identidade carismática, evangélica e profética: ser memória viva da forma de vida de Cristo, segundo o carisma de fundação, imersa no Mistério de Deus e empenhada em fazê-lo brilhar em meio ao mundo amado por Ele.

A *identidade* da Vida Consagrada, por sua vez, deve ser compreendida sempre mais como identidade “relacional” e “em caminho”. A identidade tem seu fundamento na comum consagração batismal; nela se reconhece uma profunda fraternidade com todas as vocações cristãs; dela, por dom de Deus, obtém a maior graça, tentando repropor e atualizar a mesma forma de vida de Jesus. É uma identidade “em caminho”, justamente porque jogada na dialética entre uma referência sempre idêntica, a vida de Jesus, e outra, sempre em mudança, a situação histórica concreta.

Aconteceram, ainda, as três primeiras “Visitas de Conjunto”: na Região Ásia Sul em Bangalore, Índia; na Região Ásia Leste e Oceania em Hua Hin, Tailândia; e na Região América Latina Cone Sul em Santiago do Chile. Sublinhem-se os temas escolhidos pelas duas Regiões da Ásia, relativas à inculturação do carisma salesiano e à evangelização nas sociedades pós-cristãs, cristãs e plurirreligiosas.

Enfim, vivemos este período em solidariedade com o povo japonês, duramente provado por um terremoto e um *tsunami* devastadores que, sobretudo depois das graves avarias em alguns reatores de uma central nuclear, aterrorizaram o mundo e elevaram a sua voz, pedindo reflexão e repensamento.

Esta minha nova carta, ainda alinhada ao CG26, liga-se estreitamente às duas últimas Estreias de 2010 e 2011 e em perfeita sintonia com o próximo Sínodo dos Bispos, cujo tema será “A nova evangelização para a transmissão da fé cristã”. Trata-se de uma reflexão sobre a missionariedade da Igreja e da Congregação e, em particular, da evangelização como horizonte da atividade ordinária da Igreja, do anúncio do Evangelho “*ad gentes*” e da obra de evangelização “*intra gentes*”.

A convicção de que o mundo inteiro é terra de missão já amadureceu. O artigo 6 das Constituições diz sobre isso que “a vocação salesiana situa-nos no coração da Igreja e nos põe inteiramente a serviço da sua missão”. O que se traduz, para nós, na missão de sermos evangelizadores dos jovens, na atenção às vocações apostólicas, na educação da fé nos ambientes populares, especialmente com a comunicação social, e no anúncio do Evangelho aos povos que não o conhecem. Espero que a leitura desta minha comunicação os estimule a viverem como alegres e convictos discípulos e apóstolos de Jesus.

O PONTO DE PARTIDA

Gostaria de partir, nesta carta sobre espiritualidade e missão, de Mateus 28,16-20, o clássico texto evangélico do mandato missionário, que o Senhor Ressuscitado confia aos seus discípulos e com o qual se encerra o Evangelho de Mateus. É uma passagem que nós salesianos,

enviados aos jovens, trazemos certamente no coração como chave de leitura da nossa existência e impulso interior do nosso agir. Nas poucas palavras do texto evangélico, a natureza autêntica da missão cristã é expressa numa síntese admirável, cuja riqueza deve ser sempre redescoberta na oração constante, no esforço de reflexão e na obediência da vida. Convido-os, por isso, a escutar com abertura de coração e frescor de mente as palavras que o Ressuscitado dirigiu aos Onze, em seu último encontro com eles. Elas são como que síntese e chave de leitura de toda a narração evangélica.

Os onze discípulos voltaram à Galileia, à montanha que Jesus lhes tinha indicado. Quando o viram, prostraram-se; mas alguns tiveram dúvida. Jesus se aproximou deles e disse: “Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos”.

A breve narração tem algo que chama logo a atenção: o imperativo com que o Ressuscitado entrega aos apóstolos, e neles à Igreja de todos os tempos, o mandato missionário: “Ide fazer discípulos entre todas as nações”. O mandato está contido entre duas afirmações no indicativo, que se referem ao próprio Jesus e exprimem a sua identidade: a declaração da sua autoridade universal - “Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra” - e a palavra de confiança - “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos”. O mandato missionário é precedido, então, pela afirmação de Jesus que proclama a sua autoridade soberana e universal e é seguido, depois, pela promessa de permanecer com os seus enviados para sempre e em todos os lugares.

A *estrutura literária* da narração descreve com eficácia a *essência cristológica* da missão. O mandato apostólico está encastrado entre duas sentenças que se referem ao Ressuscitado, porque é a partir dele que se compreendem a índole e o sentido da missão cristã. O que os apóstolos e missionários de todas as épocas devem *fazer* deriva daquilo que Ele *é*, que dele provém e com Ele se desenvolve. O que

Jesus ressuscitado dos mortos se tornou tem consequências inevitáveis para aquilo que seus discípulos devem fazer; dito com outras palavras, sendo o Ressuscitado o Senhor universal e companheiro permanente dos discípulos que o viram e adoraram, Ele pode enviá-los com uma tarefa precisa: transformar os povos em discípulos, consagrados por Deus com o batismo e por eles ensinados a cumprir a vontade do Senhor Jesus.

Ofereço-lhes, pois, algumas reflexões sobre este tema central, desenvolvendo quatro pontos propostos por esta densa narração evangélica: a origem pascal da missão; o seu dinamismo existencial; as suas modalidades de atuação; a sua mística profunda.

1. A ORIGEM PASCAL DA MISSÃO

Como já acenava, a primeira afirmação do texto é uma solene declaração da autoridade absoluta do Ressuscitado, colocada na boca do próprio Jesus. Ela exprime de maneira profunda a eficácia do evento pascal: mediante a ressurreição, Jesus foi constituído no pleno exercício da sua autoridade e compartilha plenamente, também na sua humanidade, a autoridade salvífica de Deus sobre o cosmo e sobre a história.

Por essa razão, pode-se atribuir a Ele o nome que em Mt 11,25 é dado ao Pai: “Senhor do céu e da terra”. Ouvimos, neste título, o eco da profecia de Daniel sobre o Filho do Homem (cf. Dn 7,14), que Jesus aplica a si diante do Sinédrio: “Vereis o Filho do homem sentado à direita do Todo-poderoso vindo nas nuvens do céu” (Mt 26,64). Compreendemos, então, que Jesus anuncia solenemente aos discípulos a própria vitória sobre as potências do mal e da morte e se apresenta como portador de renovação para a criação.

Há outro elemento a não minimizar: a autoridade universal dada por Deus ao Ressuscitado não é afirmada como um sucesso pessoal, mas como uma realidade auferida. Deus concedeu-lhe uma autoridade que só pertence a si mesmo; por sua vez, Jesus sabe ter recebido uma autoridade que convém apenas a Deus. Jesus aceitou

livre e conscientemente um poder que é próprio de Deus. O mandato missionário será consequência imediata do ter-se reconhecido como Senhor universal.

A missão apostólica não é, destarte, um ato de benevolência de Jesus que envia; ela não surge da compreensão suscitada ao ver o seu povo disperso. A missão apostólica é, primeiramente, consequência e manifestação explícita da autoridade de Jesus. Por estar ciente de ser o Senhor do céu e da terra, Ele envia os seus discípulos transformando-os em apóstolos. Há uma missão universal, porque há um Senhor universal. É muito importante para o enviado de Jesus, que entra todos os dias em contato com as mais variadas e dolorosas formas da pobreza humana, material e espiritual, ter uma assídua contemplação interior desse mistério. Sente-se enviado de Cristo quem crê ter nele o seu único Senhor; justamente por estar submetido à autoridade do Senhor Jesus, o crente no Ressuscitado tem a certeza de ser enviado por Ele.

O trabalho pastoral, sobretudo nas regiões mais desoladas e pobres do planeta, faz tocar com as mãos o poder brutal do egoísmo e da prepotência, do qual deriva a condição desumana em que muitos irmãos e irmãs são obrigados a viver. O embate cotidiano com essa dura realidade pode levar à desconfiança e deterioração interior das forças ou à tentação da busca de caminhos de solução que não são aqueles sugeridos pelo Senhor Jesus. Por isso, a visão de fé do apóstolo deve ser dirigida permanentemente Àquele que tem pleno poder no céu e na terra, a fim de poder confirmar-se na convicção profunda de que Jesus é a fonte escatológica da qual jorra a renovação do mundo (cf. Jo 7,37-39; 19,34). Nele e somente nele está presente um poder que se revela mais forte de qualquer poder mundano, porque é a mesma força de Deus, a quem nada pode resistir. O enviado de Jesus jamais poderá esquecer, sem perder a sua razão de ser, que nasceu do exercício de autoridade do seu Senhor.

É preciso acrescentar, ainda, como ensina a *Carta aos Hebreus*, que essa autoridade foi conquistada por Cristo justamente através do caminho que o levou a ser intimamente solidário com o homem e com a sua condição de fragilidade. Afirma-se, na perspectiva sacerdotal típica deste texto do Novo Testamento, que Jesus “tornou-se perfeito” na sua

identidade de mediador entre Deus e o homem justamente através do sofrimento (cf. Hb 2,10; 5,9). O Sumo Sacerdote que atravessou os céus e foi entronizado pelo Pai à sua direita, é aquele que se fez “em tudo semelhante aos irmãos” (Hb 2,17) e “como nós, foi posto à prova em tudo” (Hb 4,15).

Por esse motivo, o autor desta esplêndida homilia pode encorajar os cristãos perseguidos, recordando-lhes que Jesus, “tendo ele próprio sofrido ao ser provado, é capaz de socorrer os que agora sofrem a provação” (Hb 2,18). Trata-se de uma mensagem impressionante, de força e de consolação: o poder vitorioso do Ressuscitado é o daquele que se fez irmão de cada homem, solidário com o nível extremo da miséria humana e que, por isso mesmo, tornou-se vencedor. “A glória de Cristo”, afirma o Card. Vanhoye em um comentário, “não é a glória de um ser ambicioso, satisfeito com os próprios empreendimentos, nem a glória de um guerreiro que derrotou os inimigos com a força das armas, mas é a glória do amor, a glória de ter amado até o fim, de ter restabelecido a comunhão entre nós pecadores e o seu Pai”.¹

Quando Jesus anuncia aos Onze que lhe foi dado todo poder, não o faz, certamente, para informá-los do seu sucesso, mas para transmitir-lhes, e através deles a cada ser humano, a mais bela notícia da história: Ele *venceu por nós*; é Senhor de tudo para que tudo seja nosso e nós possamos ser de Deus (cf. 1Cor 15,28). Somos chamados, então, a abandonar o mundo velho, o mundo da corrupção e do pecado, da mentira e da ausência de sentido, para entrar na criação nova, naquele que podemos chamar de novo habitat, do qual Jesus é Senhor. É o habitat do Reino de Deus, Reino de justiça, de amor e de paz, no qual se entra revestindo-se do homem novo. O testemunho dos missionários deriva precisamente do fato de terem descoberto na própria vida esta pertença ao Reino, de terem experimentado em si mesmos a poderosa solidariedade de Cristo e a sua autoridade de amor que renova e transforma tudo com o seu poder.

O caráter totalizante desta autoridade de amor é intensamente

¹ A. VANHOYE, *Accogliamo Cristo nostro Sommo Sacerdote. Esercizi Spirituali con Benedetto XVI*. Cidade do Vaticano: LEV, 2008, p. 28.

realçado pelo fato de o adjetivo “tudo” ocorrer nestes versículos bem quatro vezes: “*todo* poder”, “*todos* os povos”, “*tudo* o que vos ordenei”, “*todos* os dias”. Insistindo neste atributo, o evangelista quer certamente mostrar que não existe qualquer dimensão no espaço e no tempo que se subtraia ao influxo do Senhor Jesus, ou possa resultar estranha à renovação introduzida por Ele na história, e não seja destinatária da sua ação.

Entre as várias considerações que este dado poderia sugerir, interessa-nos relacionar a autoridade salvífica de Jesus com a universalidade da missão. O texto mateano é muito explícito: a evangelização deve ser dirigida a “*todos os povos*”. Na última ceia Jesus já expressara claramente a dimensão universal da sua ação salvífica, afirmando que o seu sangue, no qual se realizava a nova e definitiva aliança, era derramado “por muitos” (Mt 26,28). Estava claro, então, para a comunidade nascente que, após a morte e ressurreição de Jesus, era preciso superar todas as formas de exclusivismo da salvação; não foi, porém, certamente pequeno o esforço para traduzir esta certeza em atitudes e opções concretas. Exigia-se uma verdadeira mudança de mentalidade, em que foi relevante a ação do grande Apóstolo dos gentios, Paulo de Tarso, modelo de todo missionário. Ao pensamento de que “um morreu por todos” (2Cor 5,14), ele sentiu-se possuído e impelido pelo amor de Cristo: *caritas Christi urget nos*. Mesmo tendo nascido e crescido na mentalidade do mais rígido exclusivismo salvífico judaico, Paulo aprendeu a ver os homens de outros lugares e culturas com olhos totalmente novos, porque “Deus quer que todos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4).

Caros irmãos, o horizonte universal da missão continua a ser, também para nós, um desafio em aberto e um horizonte ainda por nada alcançado. Não se trata evidentemente da colonização eclesial do planeta, mas do serviço do amor e da verdade diante de milhões, bilhões de homens que ainda não conhecem a novidade de Cristo e a experiência dulcíssima do seu amor e da sua companhia. João Paulo II, na grande encíclica *Redemptoris Missio*, referindo-se à boa-nova do Evangelho, escrevia: “Todos, com efeito, a buscam, mesmo se às vezes confusamente, e têm o direito de conhecer o valor deste dom e

aproximar-se dele. A Igreja, e nela cada cristão, não pode esconder nem conservar para si esta novidade e riqueza, recebida da bondade divina para ser comunicada a todos os homens”.²

No contexto de um mundo sempre mais caracterizado pela globalização, com os fenômenos que dela derivam como o encontro de culturas e tradições diversas, as migrações e a hegemonia do mercado, repropõe-se com extrema urgência o desafio da universalidade da missão. O indiferentismo religioso e o relativismo cultural que marcam particularmente o Ocidente tendem a cancelar a percepção de que Jesus é o absoluto e favorecer o retorno da fé ao privado e até mesmo o subjetivismo de uma religião “a gosto”, de onde obviamente não pode vir qualquer impulso missionário. Também as comunidades cristãs - e mesmo nós salesianos - correm o risco de ser contagiadas por ela, deixando até mesmo de perceber a urgência da evangelização, da abertura ao outro, do encontro com o irmão diferente, da ousadia da aventura do envolvimento pessoal no testemunho. O perigo de uma crescente falta de disponibilidade para a evangelização alastra-se entre nós e põe em risco a nossa vocação apostólica, justamente porque esse risco nem sempre é consciente. E ele se torna inconsciente quando não se vive submetido à autoridade do Ressuscitado.

Nós também podemos ressentir-nos desse clima e deixar-nos fascinar por trabalhos não diretamente centrados no testemunho de Jesus, contentando-nos com algo que, no imediato, parece ser mais eficaz do que a sementeira evangélica da Palavra de Deus. Ou poderíamos ser tentados a permanecer em posições estagnadas, distantes da fronteira do primeiro anúncio. A palavra que nasce do coração de Cristo Senhor e nos ordena a levar para Ele todos os povos, deve inquietar as nossas consciências, despertar-nos de toda inércia e preguiça e dar-nos de novo a audácia da temeridade. Como aconteceu para os primeiros apóstolos que anunciaram o Cristo pondo em risco as suas existências.

² JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, 11.

2. O DINAMISMO EXISTENCIAL DA MISSÃO

Da afirmação da autoridade de Cristo deriva, inevitavelmente, o imperativo da missão. É significativo o modo como o texto evangélico se exprime. Afirmada a autoridade de Jesus, ele continua: “*Ide, portanto, e fazei discípulos...*”. Aquele “portanto” exprime a consequência que subsiste entre a primeira afirmação e a segunda. A instauração da autoridade de Cristo, movimento com que o amor de Deus vem ao encontro do homem, suscita o movimento da missão.

O *ir dos discípulos* ao mundo todo deriva precisamente do eterno *ir de Deus* ao encontro de cada homem em Cristo Senhor, e, precisamente por isso, deve refleti-lo em profundidade: não pode ser um caminho decidido segundo cálculos humanos, mas deve deixar-se plasmar continuamente pela docilidade à vontade do Senhor Jesus. De fato, o envio não nasceu no coração de discípulos bem-intencionados, mas da vontade soberana do seu Senhor; ele não depende, por isso, da disposição dos enviados, pois é um mandato expresso do Senhor Jesus, plenamente consciente do seu poder.

Creio ser este o ensinamento que nos é transmitido pelos episódios dos *Atos dos Apóstolos*, nos quais o Senhor parece indicar de maneira muito direta os lugares aonde o missionário deve ir. Ao diácono Filipe, por exemplo, um anjo diz: “Levanta-te e vai para o sul, pela estrada de desce de Jerusalém a Gaza” (At 8,26); ali ele encontrará o funcionário da rainha Candace. Paulo e Timóteo chegaram perto de Mísia e tentaram entrar em Bitínia, mas “o Espírito de Jesus os impediu” (At 16,7) e, enquanto estavam em Trôade, uma visão noturna disse ao Apóstolo para dirigir-se à Macedônia. O episódio não é simples notícia; ao longo de toda a história do cristianismo, os santos experimentaram de maneiras variadas que o Senhor lhes indicava um determinado território ao qual dirigir as próprias energias. Dom Bosco, bem sabemos, não é uma exceção; desde pequeno sentiu-se enviado a uma missão específica e viveu a vida toda realizando esse mandato.

Não posso deixar de acenar, a esta altura, aos sonhos missionários de Dom Bosco. Ele sonhou com muita exatidão com alguns povos

aos quais deveria enviar os seus primeiros missionários. Isso significa que o ir do discípulo é realmente movido pelo vir de Deus. Contudo, as experiências extraordinárias de iluminação divina não podem ser a forma normal de discernimento. De fato, em via ordinária, a iluminação para as opções pastorais deve ser buscada na escuta orante da Palavra, na acolhida das orientações e das solicitações da Igreja, na atenção aos sinais dos tempos; entretanto, a sua presença na história da Igreja, e em particular nos momentos de fundação dos Institutos, permanece o sinal eloquente de como a ação apostólica exija docilidade absoluta à vontade de Deus e ao sopro do Espírito.

Se sob o perfil “geográfico”, normalmente, a missão não tem limites, pois o anúncio da autoridade de Cristo deve ser oferecido a todos os povos, poderíamos perguntar-nos: sob o perfil pessoal, até onde deve ir a caminhada do enviado? A resposta não pode ser senão a mesma: até o dom de si sem limites, sem fronteiras, sem delongas. Ao apóstolo, como a Pedro, o Senhor diz de fato: “*Duc in altum*, avança mais para o fundo” (Lc 5,4). O “fundo” não é um ponto preciso aonde ir, mas uma situação em que se deixa para trás as seguranças da praia e a estabilidade da terra sob os pés, para desafiar o mar aberto. É o lugar cuja única segurança vem da companhia do Senhor e da obediência à sua vontade; é o lugar ao qual jamais se iria conforme as sólidas prudências mundanas; é o lugar para o qual se dirigiu o itinerário dos grandes personagens bíblicos, independente das estradas da terra que percorreram.

Dizendo-nos “*ide*”, o Senhor também nos pede, como indivíduos e como comunidade, para irmos antes de tudo a esse “lugar”, ao qual se chega apenas com um profundo ato de fé e de disponibilidade, que aumenta onde e quando cresce o perigo certo ou desconhecido. A experiência de vida missionária deve trilhar esse caminho, pois é só caminhando para onde Deus nos conduz que o encontraremos de novo, e seremos capazes de entender os lugares e as situações para onde Deus nos enviou.

Por outro lado, não foi esta, quem sabe, a experiência do apóstolo Paulo? Bem antes de suas viagens missionárias, ele precisou fazer uma viagem mais trabalhosa: à profundidade do próprio coração, aceitando

uma viravolta radical da visão anterior do mundo e da vida. Essa viagem, iniciada na estrada para Damasco, viu-o chegar à meta de maneira completamente diversa de quanto imaginara: não mais com a desenvoltura do homem seguro de si e da própria justiça, que atua projetos pessoais e está convencido de agir em nome de Deus, mas com a humildade de quem se rendeu e se entregou a um Mistério maior e trepida para entender o que o Senhor espera dele.

Sem esta primeira e fundamental viagem, não teríamos o grande apóstolo dos gentios, o viajor incansável que percorreu as estradas do mundo até o centro do Império, para anunciar a loucura e a fraqueza da cruz como sabedoria e força de Deus. Não teríamos aquele que viveu a criar comunidades, das quais sempre se sentiu pai e mestre. Não teríamos aquele que, no final, anunciou Cristo, sobretudo com o martírio, levando a entrega da sua vida até as extremas consequências.

Não podemos deixar de perguntar-nos até que ponto fizemos, de fato, esta primeira e fundamental viagem da fé, e até que ponto estamos convencidos de que esta é a condição fundamental para que, em nosso complexo caminhar pelo mundo, se possa realmente usar um termo cristãmente tão elevado, como o da “missão”. Esta é a palavra com que Jesus define e apresenta a si mesmo e com a qual indica o que o Pai fez dele: o Enviado, o Mandado, o Apóstolo.

O caminhar dos apóstolos e dos missionários, posto em movimento pelo caminhar do próprio Deus, não é, porém, o único movimento sublinhado nestas palavras. Na afirmação “fazei discípulos” incluiu-se, na verdade, o movimento daqueles que, como discípulos, vão se abrir a Cristo e irão ao encontro dele. Ser discípulo é um modo de viver a própria existência, na qual se entra aceitando uma “disciplina”, isto é, um modo de agir, que se aprende estando junto de Jesus e acompanhando-o ao longo da vida. Os primeiros enviados pelo Ressuscitado foram os seus discípulos, e foram enviados para “dar discípulos” ao Senhor. Antes, então, de caminhar em seu nome, deve-se estar ao seu lado; antes de ter o mundo como destino e “fazer discípulos” como tarefa, é preciso ter aprendido na convivência o que significa ser enviado pelo Enviado: só o Apóstolo do Pai é o mestre dos seus apóstolos.

Sabe-se que o conteúdo da missão é explicitado com diversas nuances pelos quatro evangelistas, como também reconhece a *Redemptoris Missio*, n. 23, e que em Mateus a ênfase está na fundação da Igreja; aqui, porém, não é a sede para uma discussão desse tipo. Interessa mais sublinhar que, assim como o discipulado cristão não pode ter, de modo algum, a forma de uma pertença estimulada pela força, a expressão “fazei discípulos”, enquanto entrega o serviço de um ensinamento autorizado, abre o horizonte de um límpido itinerário de liberdade.

Ser discípulo de Jesus significa, de fato, ser discípulo da verdadeira Sabedoria e, portanto, ser alcançado no profundo do próprio espírito pelo esplendor da luz divina, o que comporta o exercício da própria liberdade na aceitação de uma pessoa, Jesus Cristo, como norma de vida. Significa, ao mesmo tempo, entrar na grande família dos discípulos que é a Igreja, descobrindo a companhia de muitos outros irmãos e irmãs não só na comunhão sincrônica de uma comunidade que se estende a todos os continentes, mas também na comunhão diacrônica com todos os cristãos que nos precederam e que já estão junto de Deus, a começar da Virgem Santíssima e de todos os Santos do céu.

Trata-se do admirável movimento de uma liberdade que penetra o discipulado cristão e respira o ar fresco do Evangelho, deixando-se oxigenar pelo Espírito de Cristo! É como uma dança, uma festa de liberdade, que envolve não apenas os indivíduos, mas inteiras comunidades e culturas. Abrindo-se a Cristo, elas nada perdem dos valores autênticos que trazem em si, mas os reencontram num nível muito elevado, no discipulado cristão, purificados daquilo que tinham de ambíguo e caduco. Compreendemos quão delicado e exigente seja o papel dos missionários neste serviço à autêntica liberdade dos que eles vão encontrando, quanto exija de sintonia íntima com o Senhor, em relação à preparação teológica e cultural, quanta capacidade de escuta e de diálogo suponha. Na verdade, a superficialidade e a improvisação neste âmbito só poderiam produzir estragos, porque sempre arriscamos a “fazer discípulos” das nossas ideias e dos nossos costumes, das nossas estratégias e dos nossos projetos, da nossa mentalidade e dos nossos

esquemas culturais, mais do que discípulos de Cristo e da sua Palavra. Então, em vez de favorecer o movimento dos povos para a alegria da fé, poderíamos arriscar a criar-lhe obstáculo ou torná-lo lento.

3. AS MODALIDADES DE ATUAÇÃO DA MISSÃO

Confiando a missão, Jesus indica aos apóstolos também aqueles que, de algum modo, serão os seus “instrumentos de trabalho”: a palavra e os sacramentos. Ele diz, com efeito, que deverão “*ensinar a observar tudo o que ordenei*” e deverão “*batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*”. Esta junção de palavra e gesto sacramental, de ensinamento e ação salvífica, caracteriza desde sempre o mandato de Jesus. As narrações evangélicas de vocação contam que Ele enviou os Doze “a pregar com o poder de expulsar os demônios” (Mc 3,14-15) e, na tradição evangélica, o anúncio do Reino é sempre acompanhado, quando não precedido (cf. Mc 1,21s), de gestos de libertação e salvação que atestam a sua vinda efetiva.

Na abordagem destes dois elementos fundamentais da missão cristã, emerge com clareza que a Palavra de Deus, transmitida pelo missionário aos homens, nunca é simplesmente uma doutrina conceitual, um conjunto de verdades abstratas, um código de comportamento ético, mas expressão da comunicação viva e atual de Deus. A Palavra de Deus é viva e eficaz, ela age com força, tanto que o Senhor pode apresentar-se diante da humanidade afirmando solenemente: “Eu disse e fiz!” (Ez 37,14). Realmente, toda a história do mundo, desde a criação, foi colocada em movimento pela palavra criadora de Deus (Jo 1,1-3), que assume na encarnação a fisionomia humana de Jesus (Jo 1,14). A Palavra de Deus é o próprio Deus manifestado em Jesus Cristo.

Quando, então, o missionário anuncia Cristo aos homens, ele não insere em sua vida algo estranho e adventício, mas torna acessível a Palavra que desde sempre fundamenta a sua existência e revela de modo definitivo o seu significado e o seu valor. A Igreja, como recordou autorizadamente o recente Sínodo dos Bispos, foi constituída

casa da Palavra, não para aprisionar essa palavra, mas para difundi-la no mundo inteiro. A palavra que não diz mais nada, a palavra que emudece, é palavra morta; o apóstolo anunciando a Palavra, além de difundi-la, defende-a do esquecimento; ela dá vida ao mundo.

Sobre isso, vale a pena ouvir novamente algumas passagens da *Mensagem ao Povo de Deus* da XII Assembleia do Sínodo dos Bispos sobre “A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja”.

“De Sião vem a Lei e de Jerusalém a palavra do Senhor” (Is 2,3). A Palavra de Deus personalizada “sai” da casa, do templo, e caminha pelas estradas do mundo a fim de encontrar a grande peregrinação que os povos da terra iniciaram em busca da verdade, da justiça e da paz. E, de fato, na cidade moderna e secularizada, nas praças e nas ruas - onde parece dominar a incredulidade e a indiferença, onde o mal parece prevalecer sobre o bem, deixando acreditar na vitória da Babilônia sobre Jerusalém - há como um pequenino sopro escondido, uma esperança em germe, um frêmito de expectativa. Tal como lemos no livro de Amós: “Eis que virão dias em que enviarei fome à terra, não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir a palavra do Senhor” (Am 8,11). É a esta fome que quer responder a missão evangelizadora da Igreja. Cristo ressuscitado, aos apóstolos ainda hesitantes, lança este chamado para saírem dos limites protegidos do seu horizonte: “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações... e ensinai-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado” (Mt 28,19-20). A Bíblia inteira é atravessada por apelos a “não se calar”, a “gritar com força”, a “anunciar a palavra oportuna e inoportunamente”, a se tornar vigias cortando o silêncio da indiferença.³

E, depois de recordar os desafios que derivam dos novos meios de comunicação, nos quais também deve ressoar a voz da palavra divina, a *Mensagem* continua eficazmente:

³ XII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *Mensagem ao Povo de Deus*, 10.

Numa época dominada pela imagem, veiculada por este meio predominante de comunicação que é a televisão, o modelo privilegiado por Cristo é ainda hoje significativo e sugestivo: ele recorria ao símbolo, à narração, ao exemplo, à experiência cotidiana, à parábola. “Disse-lhes muitas coisas em parábolas... e sem parábolas nada lhes falava” (Mt 13,3.34). No anúncio do Reino de Deus, as palavras de Jesus não iam além da capacidade de entendimento deles, pela utilização de uma linguagem vaga, abstrata e etérea; pelo contrário, conquistava os ouvintes falando a partir do chão no qual os pés deles estavam plantados para conduzi-los do cotidiano à revelação do Reino dos Céus. Significativa, então, esta cena evocada por São João: “Alguns queriam prendê-lo, mas ninguém lhe pôs a mão. Os guardas, então, voltaram aos chefes dos sacerdotes e aos fariseus e estes lhes perguntaram: ‘Por que não o trouxestes?’ Os guardas responderam: ‘jamais um homem falou assim!’” (Jo 7,44-46).⁴

Abrem-se aqui horizontes espirituais verdadeiramente fascinantes de comunicação do Evangelho, nos quais o apóstolo, identificando-se nos sentimentos e pensamentos de Cristo, aprende a ser seu porta-voz, segundo a esplêndida imagem de Paulo: “somos embaixadores de Cristo; é como se Deus mesmo fizesse seu apelo através de nós” (2Cor 5,20). Como Jesus, Filho predileto de Deus, antes de se pôr a evangelizar o mundo, o evangelizador de hoje deve reconhecer-se e querer-se como Deus o proclamou e quis: filho amado. O apóstolo, antes de ter o evangelho como missão, encontra-o e conserva-o como tesouro no seu coração. Quando o proclama, como Jesus ele será testemunha digna de fé, que sabe suscitar a resposta e, então, “fazer discípulos”.

E se, às vezes, temos a impressão de que a Palavra anunciada permanece incompreendida e não acolhida por muitos, ou que o resultado dos nossos esforços é muito acanhado, lembremo-nos da parábola do semeador. Jesus contou-a justamente para enfrentar

⁴ Id., 11.

o desânimo dos discípulos que, depois dos primeiros entusiasmos suscitados por Ele, viam reduzir-se gradualmente o número dos que o seguiam. Eles começam até mesmo a se perguntar como se daria a salvação de Israel a partir de uma ação tão humilde, como a pregação dirigida a uma gente simples e sem prestígio na sociedade. Jesus mediante a parábola queria infundir otimismo e confiança: quem tem a paciência do agricultor pode constatar que o trabalho ingrato de uma sementeira generosa, mesmo se exposta ao risco de terrenos estéreis, é recompensada com abundância.

Ao comentar esta parábola, numa meditação sobre a espiritualidade sacerdotal, o então teólogo Joseph Ratzinger afirmava:

“Devemos pensar na situação frequentemente quase desesperada do agricultor de Israel, que tira a colheita de uma terra que, a qualquer momento, ameaça ser novamente um deserto. Contudo, embora se tenha feito vãos esforços, há sempre sementes que amadurecem para a colheita e, crescendo em meio a tantos perigos, chegam ao fruto, recompensando abundantemente de todos os esforços. Com esta alusão, Jesus entende dizer: todas as coisas realmente úteis neste mundo começam na modéstia e no escondimento [...] O que é pequeno começa aqui, nas minhas palavras, e crescerá sempre mais, enquanto o que se expõe hoje como grandioso já naufragou há muito tempo”.⁵

Há, pois, no anúncio da Palavra, uma lógica de pobreza e humildade que todo missionário deve aprender. Ele, não raramente, “quando vai, vai chorando, levando a semente para plantar”, entretanto ele ou quem o seguir terá a exultação de “voltar alegre, trazendo seus feixes” (cf. Sl 125/126). O que se lhe pede, depois de tudo, não é o sucesso, mas a fidelidade ao seu Senhor, mesmo quando isso comporte incompreensões e preços a pagar. Enfim, apenas esta fidelidade à Palavra não frustra. Façamos, pois, nossas as palavras de Paulo que, ao tomar distância dos falsos missionários que perturbavam a igreja nascente de Corinto, expressou a própria linha de conduta no

⁵ J. RATZINGER, *Servitori della vostra gioia. Meditazioni sulla spiritualità sacerdotale*. Milão: Ancora, 1989, 18s.

anúncio do Evangelho: “Rejeitamos todo procedimento dissimulado e indigno, feito de astúcias, e não falsificamos a palavra de Deus. Pelo contrário, manifestamos a verdade e, assim, nos recomendamos a toda consciência humana, diante de Deus” (2Cor 4,2).

Coloca-se nesta linha, a celebração dos sacramentos e, mais amplamente, a liturgia da Igreja, à qual o texto de Mateus se refere ao introduzir o tema do batismo com a fórmula trinitária. Para a mentalidade eficientista do homem moderno não há nada que seja tão escandaloso quanto a lógica da liturgia. Com todos os problemas urgentes existentes no mundo - assim raciocina espontaneamente - não será, talvez, uma perda de tempo dedicar momentos da própria vida para celebrar? Entretanto, precisamente a celebração litúrgica, e de modo especial a celebração dos sacramentos, traz dentro de si a força da Páscoa de Cristo, o poderoso dinamismo da vida de Deus.

Batizar “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” significa não só, segundo o significado profano, “agir em nome de”, apelar a uma autoridade jurídica que nos confiou a sua representação; mas quer dizer também, segundo o significado bíblico, “agir em nome de”, referir-se à presença viva e à potência operante do Deus trinitário. Aqui, mais do que nunca, a missão chega à sua meta, porque leva os homens a encontrarem não só o testemunho sobre Deus, mas o mesmo Deus em sua totalidade.

Os homens também devem ser batizados, isto é, imersos mediante a fé no seio da Trindade que é a sua casa, introduzidos na potência de amor, que se revelou na autoridade pascal de Cristo. Esta é a verdadeira “eficiência” que regenera o mundo, sem a qual será inútil madrugar e deitar tarde, comendo um pão ganho com o suor, enquanto o Senhor o concede aos seus durante o sono (cf. Sl 127). De aqui brota a vida da Igreja, a humanidade renovada pela graça pascal que o Senhor faz crescer na história também através de nós.

4. A MÍSTICA PROFUNDA DA MISSÃO

A última palavra que Jesus diz aos Onze, depois de lhes ter confiado o mandato missionário, é uma palavra de encorajamento: “*Eu estarei*

convosco todos os dias, até o fim do mundo". É uma grande promessa, que vale como garantia de encorajamento e motivo de confiança. Nela ressoa o eco do apoio que Deus sempre garantiu no Antigo Testamento aos que foram chamados a uma vocação especial: "Não temas, eu estou contigo". Nela se realiza, sobretudo, a identidade de Jesus que, desde o início do Evangelho de Mateus, nas reminiscências da infância, é apresentado como o Emanuel, o "Deus conosco". Os eventos da paixão, morte e ressurreição de Jesus não cancelaram, portanto, a sua presença na história, nem a sua vontade de permanecer junto àqueles que, pouco antes, o tinham abandonado; o compromisso do Ressuscitado de ficar com eles tornou-se definitivo e permanente, no tempo e no espaço, até o fim do mundo.

Percebemos, certamente, quanta consolação e quanta força provenham dessas palavras. Para quem se reconhece e quer ser seu enviado, cada dia da vida se abre e fecha à luz de uma presença tranquilizadora, mais forte de qualquer solidão e de qualquer temor. A alegria de uma vida de castidade que vive à espera do melhor Amante, a riqueza de quem renuncia aos bens terrenos sem deixar de buscar "as almas", a liberdade da obediência que nos faz semelhantes ao nosso Senhor, encontram aqui o seu mais autêntico fundamento e querem ser sinal visível e eloquente deste mistério. Cristo vive conosco e preenche a nossa vida de modo transbordante. A plenitude interior que deriva disso é, no fundo, o verdadeiro tesouro do missionário e o maior dom que ele pode transmitir àqueles aos quais é enviado. Nada é mais persuasivo e convincente do que aquele que, representando existencialmente o Senhor Jesus, se revela habitado pela sua presença luminosa, até deixar que isso transpareça na serenidade do rosto, na profundidade do olhar, na humildade do trato, na verdade dos gestos e das palavras. Como Jesus foi para os discípulos imagem e transparência do Pai, assim também o verdadeiro missionário é chamado a ser ícone transparente do Ressuscitado. E o pode ser porque Cristo vive realmente com ele, numa companhia tão íntima que se torna verdadeira inabituação: o apóstolo pode exclamar, como Paulo: "Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim" (Gl 2,20).

Dessa forma, a missão alcança verdadeiramente a profundidade mística que lhe compete. De fato, desde o início, ao chamar os Doze, Jesus os constituiu “para que ficassem com ele e para que os enviasse a pregar” (Mc 3,14). Todos nós sabemos, por experiência própria, o quanto seja fácil perceber no concreto da nossa existência certa tensão entre estes dois elementos e como se possa oscilar numa espécie de divisão interior entre oração e obras, contemplação e ação, dedicação a Deus e entrega de si aos outros. Ora, desde o início do chamado dos Doze, as duas dimensões são apresentadas juntas e intimamente unidas entre si: só entrando numa profunda familiaridade com Jesus, é possível irradiar a sua presença e levar realmente a sua Palavra aos outros.

Leva a Palavra ao mundo quem primeiramente a ouviu, como fez Maria na casa de Isabel. Torna-se irmão de Jesus quem está ao seu lado, empenhado na escuta da sua palavra. Estar com Jesus não pode ser entendido, de modo algum, como algo que se realiza *de vez em quando*, nas pausas da atividade. O Evangelho de João é muito claro a esse respeito quando fala da necessidade absoluta de *permanecer* nele, pois sem Ele nada se pode fazer. E, com efeito, em força da novidade da ressurreição pela qual a presença de Cristo permeia todos os tempos e todos os lugares, a unidade íntima entre oração e anúncio torna-se, por novo título, experimentável. Contemplação e testemunho vêm assim a compenetrar-se profundamente, referindo-se reciprocamente num movimento semelhante ao da sístole e diástole do nosso coração.

Naturalmente, no itinerário pessoal de todo missionário, esta compenetração íntima de oração e anúncio jamais é ponto de partida, mas horizonte a alcançar. Este exige um itinerário formativo adequado e uma constante vigilância interior. Só assim se pode evitar o falso espiritualismo, que afasta do trabalho apostólico e ilude quanto à proximidade de Deus que, depois, é desmentida pelos fatos; ao mesmo tempo, pode-se superar o ativismo estéril, que só obtém o resultado de esvaziar a vida do discípulo e, quem sabe, levar ao abandono. A urgência fundamental e o próprio coração da missão consistem, portanto, em aprender a arte suprema de viver em Jesus, sob a sua autoridade, profundamente identificado com Ele, com os seus pensamentos, fazendo da sua palavra o próprio alimento.

Interrogando-se sobre os horizontes da Igreja no Terceiro Milênio, após a celebração do Grande Jubileu, João Paulo II escrevia na Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*:

*Interrogamo-nos animados de confiante otimismo, embora sem subestimar os problemas. Certamente não nos move a esperança ingênua de que possa haver uma fórmula mágica para os grandes desafios do nosso tempo; não será uma fórmula a salvar-nos, mas uma Pessoa, e a certeza que Ela nos infunde: Eu estarei convosco! Sendo assim, não se trata de inventar um “programa novo”. O programa já existe: é o mesmo de sempre, expresso no Evangelho e na Tradição viva. Concentra-se, em última análise, no próprio Cristo, que temos de conhecer, amar, imitar, para nele viver a vida trinitária e com Ele transformar a história até à sua plenitude na Jerusalém celeste. É um programa que não muda com a variação dos tempos e das culturas, embora se tenha em conta o tempo e a cultura para um diálogo verdadeiro e uma comunicação eficaz. Este programa de sempre é o nosso programa para o terceiro milênio.*⁶

Em seguida, continuava traçando como verdadeira urgência da Igreja as linhas da pedagogia da santidade, “medida elevada da vida cristã ordinária”,⁷ segundo a convicção de que “esta é a vontade de Deus, a vossa santificação” (1Ts 4,3). Ele mesmo sentia ressoar a objeção de que esta perspectiva parecia muito genérica e elevada para inspirar uma programação pastoral, mas com extrema clareza respondia que só assumindo essa perspectiva com seriedade e coerência, as diversas dificuldades da vida pastoral concreta poderiam encontrar um início de solução. A santidade não pode ser acrescentada num segundo momento da programação apostólica organizada em outras bases, mas deve ser a inspiração original que movetododiscernimento pastoral; caso contrário, o risco de perder-se em discussões estéreis e em projetos vazios, que não refletem o pensamento de Deus, torna-se infelizmente real.

⁶ JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte*, 29.

⁷ Id., 31.

Conclusão

Caríssimos irmãos, às vezes, é dirigida à vida consagrada do nosso tempo a recriminação de criar muitos serviços, mas oferecer pouca santidade. Talvez seja necessário confrontar-se, precisamente nisso, para que a nossa Família Salesiana, as nossas comunidades apostólicas possam ser verdadeiras escolas nas quais se aprenda concretamente a arte da santidade, isto é, a arte da vida cristã autêntica, como o nosso Santo Fundador Dom Bosco praticou e no-la transmitiu.

Somos chamados a ser santos nos lugares em que vivemos quais discípulos e apóstolos. Em todos os lugares a missão assume novas tarefas e exige pessoas e comunidades enamoradas de Jesus e corajosas no testemunho e no serviço. A todos os lugares, mas, sobretudo à Europa, a Congregação dirige agora a sua atenção e envia as suas melhores energias. É tempo de missão! Possam continuar a surgir entre nós autênticas vocações missionárias, santas e generosas; possamos suscitar entre os jovens e leigos voluntários missionários, discípulos e apóstolos.

Ao mesmo tempo em que lhes confio o trabalho missionário da Congregação, confio-o também a Maria Auxiliadora, Mãe da Igreja. Ela sempre esteve presente em nossa história e não nos fará faltar a sua presença e o seu auxílio nesta hora. Como no Cenáculo, Maria, a especialista do Espírito, haverá de nos ensinar a nos deixarmos guiar por Ele “para poder distinguir o que é da vontade de Deus, a saber, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito” (Rm 12,2b).

Com muito afeto, estima e gratidão,



P. Pascual Chávez Villanueva
Reitor-Mor